

A ecologia de Monet

**Texto da exposição
em fonte ampliada**

Português

SUMÁRIO

Texto de abertura.....	p.7
Cronologia.....	p.12
Mapa do espaço expositivo.....	p.18

Núcleo 1. Os barcos de Monet

Texto do Núcleo 1.....	p.19
Mapa do Núcleo 1.....	p.21
Mapa do Núcleo 1: Parede A.....	p.22
<i>O barco</i> , 1887.....	p.22
<i>A canoa sobre o Epte</i> , circa 1890.....	p.24

Núcleo 2. O Sena como ecossistema

Texto do Núcleo 2.....	p.26
Mapa do Núcleo 2.....	p.28
Mapa do Núcleo 2: Parede A.....	p.29
<i>Caminho protegido</i> , 1873.....	p.29
<i>O Sena em Port-Villez</i> , circa 1890.....	p.31
<i>Efeito da neve em Vétheuil</i> , 1878-79.....	p.32

Mapa do Núcleo 2: Paredes B, C e D.....	p.34
<i>Na ponte de Argenteuil, 1874.....</i>	p.34
<i>O passeio de Argenteuil, circa 1872.....</i>	p.36
<i>A ponte de Argenteuil, tempo cinzento, circa 1876.....</i>	p.37
<i>O degelo, 1882.....</i>	p.37

Núcleo 3. *Giverny: Natureza domesticada*

Texto do Núcleo 3.....	p.40
Mapa do Núcleo 3.....	p.42
Mapa do Núcleo 3: Parede A.....	p.43
<i>A casa entre as roseiras, 1925.....</i>	p.43
Mapa do Núcleo 3: Paredes B e C.....	p.45
<i>Campo em Giverny, 1887.....</i>	p.45
<i>A ponte japonesa sobre a lagoa das ninfeias em Giverny, 1920-24.....</i>	p.47
<i>A ponte japonesa, 1918-26.....</i>	p.48
Mapa do Núcleo 3: Parede D.....	p.50
<i>Ninfeias, 1904.....</i>	p.50

<i>Ninfeias</i> , 1907.....	pág.52
<i>As ninfeias</i> , 1904.....	pág.53

Núcleo 4. O pintor como caçador

Texto do Núcleo 4.....	p.55
Mapa do Núcleo 4.....	p.57
Mapa do Núcleo 4: Parede A.....	p.58
<i>O vale do Creuse, sol poente</i> , 1889.....	p.58
<i>A cabana da alfândega</i> , 1882.....	p.60
<i>Belle-Île, rochedos de Port-Goulphar</i> , 1886....	61
<i>A entrada do porto de Trouville</i> , 1870.....	p.62
<i>Três barcos de pesca</i> , 1886.....	p.64
Mapa do Núcleo 4: Paredes B, C, D e E.....	p.66
<i>Rochedos à beira do Mediterrâneo</i> , 1888....	p.66
<i>Tempestade, costa de Belle-Île</i> , 1886.....	p.68
<i>Falésia de Pourville, manhã</i> , 1897.....	p.69
<i>Casa de jardineiro em Antibes</i> , 1888.....	p.70
<i>Em Sassenheim, próximo a Haarlem, campo de tulipas</i> , 1886.....	p. 72

Núcleo 5. Neblina e fumaça

Texto do Núcleo 5.....	p.74
Mapa do Núcleo 5.....	p.76
Mapa do Núcleo 5: Parede A.....	p.77
<i>Vista do antigo porto do Havre, 1874.....</i>	p.77
<i>Ponte de Waterloo, tempo cinzento, 1903...p.</i>	79
<i>Ponte de Waterloo, efeito do sol, 1903....p.</i>	80
Mapa do Núcleo 5: Paredes B e C.....	p.82
<i>Ponte de Charing Cross, neblina, 1902.....p.</i>	82
<i>Ponte de Charing Cross, 1903.....p.</i>	84
<i>Ponte de Waterloo, tempo cinzento, 1903..p.</i>	85

A ECOLOGIA DE MONET

Durante toda sua trajetória, Claude Monet (1840-1926) produziu em grande proximidade com a natureza, construindo uma familiaridade com a paisagem que fica evidente em suas obras. *A ecologia de Monet* é a primeira exposição a tratar da relação do artista com o meio ambiente, e está dividida em cinco núcleos com 32 pinturas – duas do MASP e outras de 19 museus da América do Norte e da Europa, além de duas coleções brasileiras.

Monet é uma figura central do impressionismo, movimento que renovou a representação da realidade concentrando-se na forma como a luz incidia sobre a natureza. O artista atuou em um momento histórico no qual as transformações do mundo moderno alteravam definitivamente a

paisagem, no século 19. Fábricas se instalavam às margens dos rios e nos subúrbios das cidades; barcos e trens a vapor lançavam ao céu nuvens negras da queima do carvão, enquanto a ampliação da malha ferroviária promovia a integração de territórios distantes e a expansão do turismo. Apesar de não ter assumido uma postura ativista em relação ao impacto que a industrialização causava nas cidades e no campo, as pinturas de Monet investigam cenas desse mundo cambiante.

Simultaneamente, uma incipiente consciência ecológica se disseminava pela Europa, com base nos estudos de cientistas contemporâneos do pintor, como Charles Darwin (1809-1882). Surgia então a noção de uma “economia da natureza”: o entendimento de que há uma íntima conexão entre todos os seres vivos do planeta.

Monet foi um dos primeiros a atentar para essas mudanças, e de uma forma mais ambiciosa. O artista não apenas pintou as complexas conexões entre natureza e sociedade, mas também deu luz a paisagens que constituíam sistemas ecológicos em si mesmos, em uma espécie de desejo de controle e recriação do ambiente natural. Nas últimas décadas de sua vida, dedicou-se a construir seu suntuoso jardim em Giverny, em sua casa nos arredores de Paris, pintando seu célebre jardim aquático e algumas de suas telas mais emblemáticas. É o caso das ninféias e da ponte japonesa, que contrastam como suas icônicas representações da neblina de Londres, obras verdadeiramente inaugurais que retratam a poluição e antecipam as preocupações ecológicas de nosso tempo.

A ecologia de Monet é curada por Adriano Pedrosa, diretor artístico, e Fernando Oliva, curador, com assistência de Isabela Ferreira Loures, assistente curatorial. A exposição integra o ano dedicado às *Histórias da ecologia*, que inclui monográficas de Abel Rodriguez, Clarissa Tossin, Frans Krajcberg, Hulda Guzmán, Minerva Cuevas, Mulheres Atingidas por Barragens, Taniki Yanomami, além da coletiva *Histórias da ecologia*, bem como mostras na Sala de Vídeo de Emilija Škarnulytė, Inuk Silis Høegh, Janaina Wagner, Maya Watanabe, Tania Ximena e Vídeo nas Aldeias.

Desde 2019, o MASP tem um grupo de trabalho de sustentabilidade e desenvolve ações como descarbonização, compra de energia renovável e um programa de gestão de resíduos, iniciativas que se somam à programação de *Histórias da*

ecologia este ano. O novo edifício Pietro Maria Bardi também incorpora soluções sustentáveis, conquistando a certificação LEED (Leadership in Energy and Environmental Design).

CRONOLOGIA

1840: Monet nasce em Paris, no dia 14 de novembro. Por volta dos cinco anos de idade, muda-se com a família para a região costeira da Normandia, ao norte da França.

1861: É convocado para o exército e enviado a Argélia. Tendo servido em um período sem grandes conflitos, Monet se recordaria, décadas mais tarde, da linda luminosidade da região. Retorna ao Havre após um ano, acometido por uma febre tifoide.

1871: Durante a guerra franco-prussiana, exila-se em Londres com sua companheira, Camille, e o filho. Após o fim da guerra, se estabelece em Argenteuil, uma cidade nos arredores de Paris que passa por um processo de industrialização.

1874: Um grupo de artistas, insatisfeito com os critérios de seleção para o Salão de Paris, expõe em conjunto pela primeira vez. Eles passam a ser conhecidos como impressionistas em referência à obra de Monet, *Impressão, sol nascente*.

1878: Devido a problemas financeiros, os Monet passam a viver com a família de Ernest e Alice Hoschedé em Vétheuil, às margens do Sena.

1879: Camille Monet falece. Claude e seus filhos continuam vivendo com Alice e as crianças da família Hoschedé. Nesse ano, um inverno severo, seguido de um degelo abrupto, causa um alagamento histórico do rio Sena, retratado em algumas obras de Monet.

1881: Monet, Alice e os filhos de ambos se mudam para Poissy, uma comuna próxima a Paris. Monet não se adapta à região e, em 1883, buscando se distanciar da capital francesa, parte com a família para Giverny, também às margens do Sena.

déc. 1880: Monet realiza diversas viagens pela França, sobretudo pela costa da Normandia, passando ainda pela Bretanha e pelo Mediterrâneo. Também viaja para a Holanda e a Itália. Fugindo das vistas mais procuradas por turistas, suas paisagens se tornam mais originais.

1889: Em visita à Exposição Universal de Paris, Monet conhece as ninfeias coloridas recém-criadas pelo botânico Joseph Bory Latour-Marliac a partir da ninfeia-branca, a única existente até então. Monet as adquire para seu jardim aquático de Giverny.

déc. 1890: Monet começa a pintar mais consistentemente em séries, partindo de composições quase idênticas para explorar diferentes efeitos atmosféricos.

1890: Monet compra a casa na qual morava em Giverny. A partir de então, passa a se dedicar cada vez mais ao seu jardim, que se torna o tema mais recorrente em suas pinturas até o fim da vida.

1893: Adquire um terreno adjacente a sua propriedade, por onde passava o Ru, um braço do rio Epte, afluente do Sena. Monet desvia parte de seu curso para formar uma lagoa na qual pudesse cultivar suas ninfeias e outras plantas aquáticas.

1899-1901: Monet realiza longas viagens para Londres, determinado a representar, sob diferentes efeitos atmosféricos, o rio Tâmesa e a névoa característica do clima úmido londrino, que se somava à fumaça liberada pelas fábricas locais.

1918: No dia após a assinatura do armistício da Primeira Guerra Mundial, Monet começa a trabalhar em um grande projeto – painéis enormes com suas pinturas de ninfeias –, que seria doado ao Estado em comemoração à vitória na guerra.

1923: A visão de Monet se deteriorava desde a década anterior com o avanço da catarata, afetando sua produção. Após vários tratamentos experimentais, decide se submeter à cirurgia para recuperar parcialmente a sua percepção das cores.

1926: Monet falece no dia 5 de dezembro em Giverny.

1927: Em 27 de maio, o grande projeto de Monet é inaugurado, composto de 22 enormes painéis de ninfeias doados à nação francesa e expostos até hoje no Musée de l'Orangerie, em Paris.

TEXTO DO NÚCLEO 1

OS BARCOS DE MONET

As duas pinturas exibidas neste núcleo fazem parte de um conjunto de seis obras realizadas entre 1887 e 1890, nas quais uma barca navega pelo rio Epte, um afluente do Sena. Com exceção da obra *O barco* – posicionada à esquerda de quem entra na sala –, todas as outras obras da série mostram duas ou três mulheres, enteadas de Monet, a bordo da embarcação.

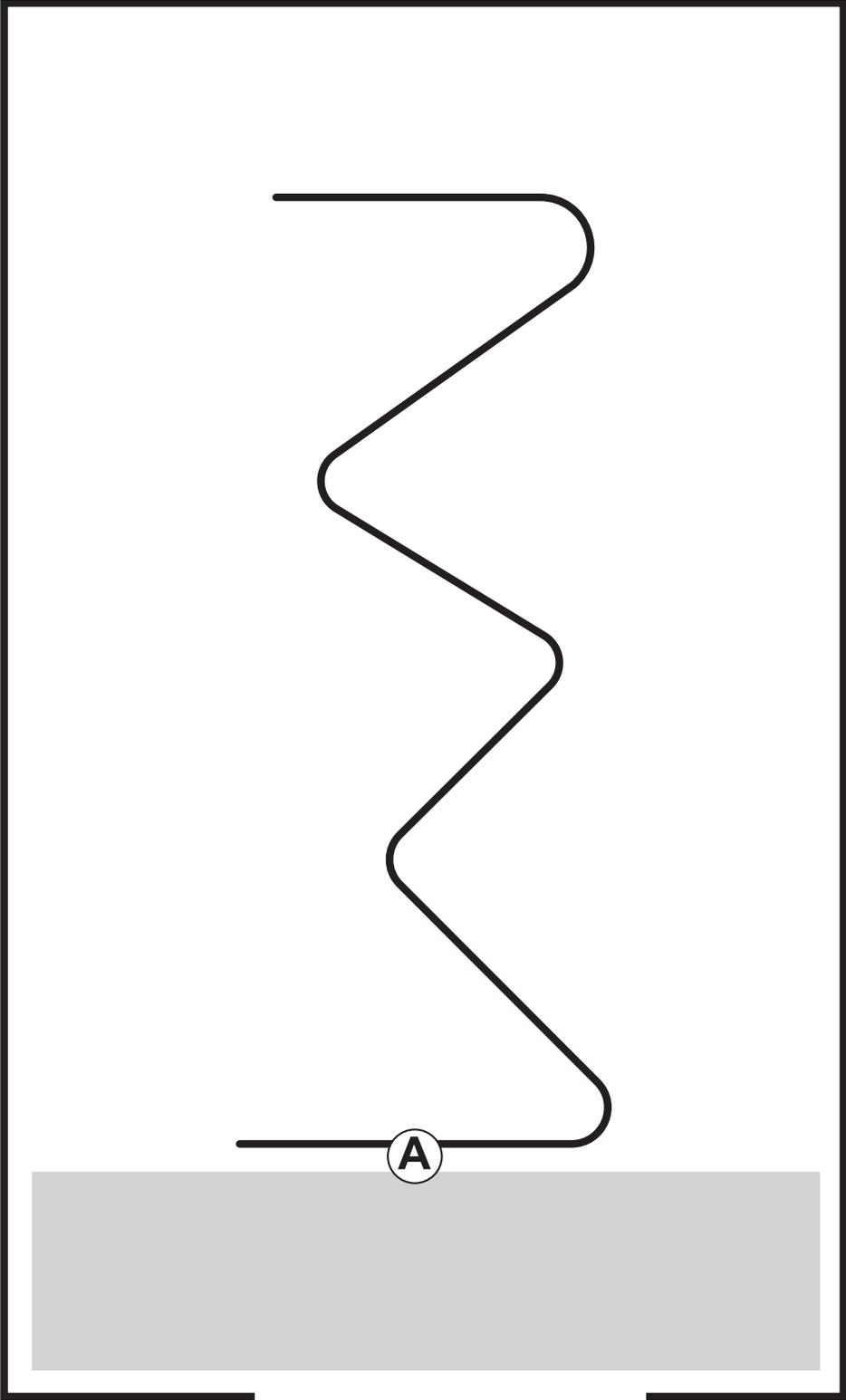
Pinturas de lazeres ribeirinhos eram frequentes na obra de pintores impressionistas, retratando novos hábitos dos momentos de ócio de uma burguesia em ascensão. Essas pinturas de Monet não só dialogam com esse tema tão frequente entre seus contemporâneos, mas também representam a natureza como um

ambiente imersivo: vemos a barca de pontos de vista elevados em ambas as telas e perdemos a noção da linha do horizonte. Na pintura em que aparecem as duas figuras femininas, a vegetação da margem parece se fundir às águas do rio, enquanto na outra obra a margem desaparece por completo. Em ambas as obras, a correnteza do rio é destacada por pinceladas onduladas em tons de vermelho e amarelo, que se somam ao verde intenso. Desse modo, é o rio que assume, verdadeiramente, o protagonismo das cenas.

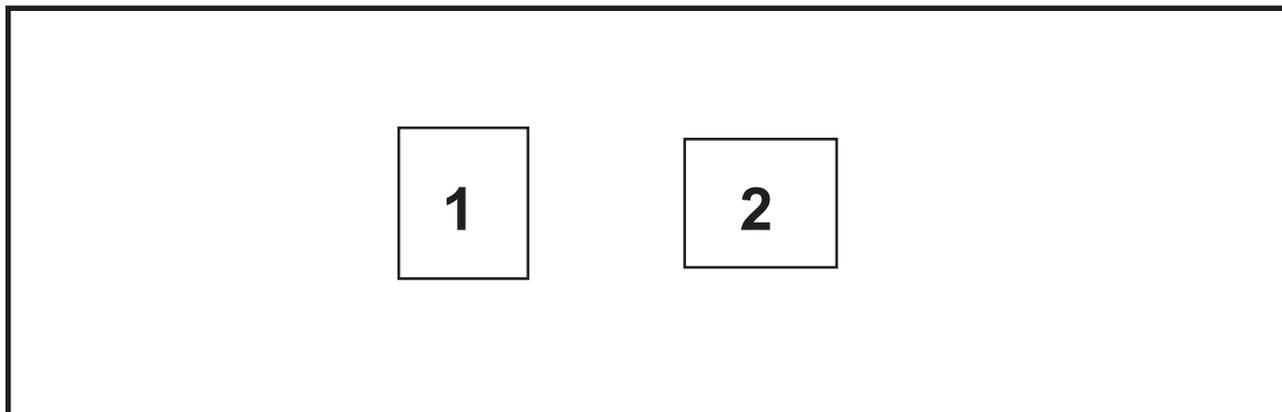
Voltei a algumas coisas que simplesmente não podem ser feitas: a água, com algas dançando no fundo... É uma visão maravilhosa, mas é de enlouquecer querer fazer isso. Porém é esse tipo de coisa que estou sempre tentando enfrentar.

Claude Monet, 1890

MAPA DO NÚCLEO 1



NÚCLEO 1, PAREDE A



CLAUDE MONET

1. *O barco*, 1887

Óleo sobre tela

Musée Marmottan Monet, espólio de Michel
Monet, 1966, Paris, França

A obra *O barco*, assim como *A canoa sobre o Epte*, compõe o conjunto de pinturas de Monet que retratam a pequena embarcação no rio Epte, um afluente do Sena que demarca um dos limites geográficos de Giverny. Esta obra é a única da série em que a embarcação aparece vazia, sem as enteadas de Monet que posaram como modelos para as demais telas. O barco no quadro é visto de um ponto elevado, e o leito do rio toma conta da maior parte da pintura. Não é possível ver a linha do horizonte e tampouco as margens do Epte, o que intensifica a sensação de imersão na paisagem. As pinceladas suntuosas em tons de vermelho e amarelo sobre o fundo verde do rio conferem ritmo à cena, simulando a correnteza da água.

2. *A canoa sobre o Epte*, circa 1890

Óleo sobre tela

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, compra, 1953

A canoa sobre o Epte, obra que integra a coleção do MASP, pertence ao conjunto de seis pinturas produzidas entre 1887 e 1890 que representam uma pequena embarcação sobre o Epte. Nela, a correnteza parece forte e duas mulheres remam. Os tons rosados da barca e da roupa das mulheres contrastam com o verde escuro do rio, composto de pinceladas marcantes que criam movimento na tela. O crítico de arte e escritor francês Octave Mirbeau descreveu essa obra dizendo que o verdadeiro “drama” não está nas moças na canoa, mas na “extraordinária vegetação

submersa”, composta de “longas algas filamentosas, como tentáculos fantásticos de monstros marinhos”.

TEXTO DO NÚCLEO 2

O SENA COMO ECOSSISTEMA

A água foi um motivo constante na produção artística de Monet. Criado no Havre, cidade ao norte da França, onde o Sena deságua no Oceano Atlântico, o artista percorreu grande parte do rio de 776 km de comprimento e seus afluentes ao longo de sua vida. No período, o lazer ribeirinho também se tornava um passatempo popular da burguesia parisiense, que passava os fins de semana nos subúrbios da cidade, remando e fazendo refeições às margens do Sena.

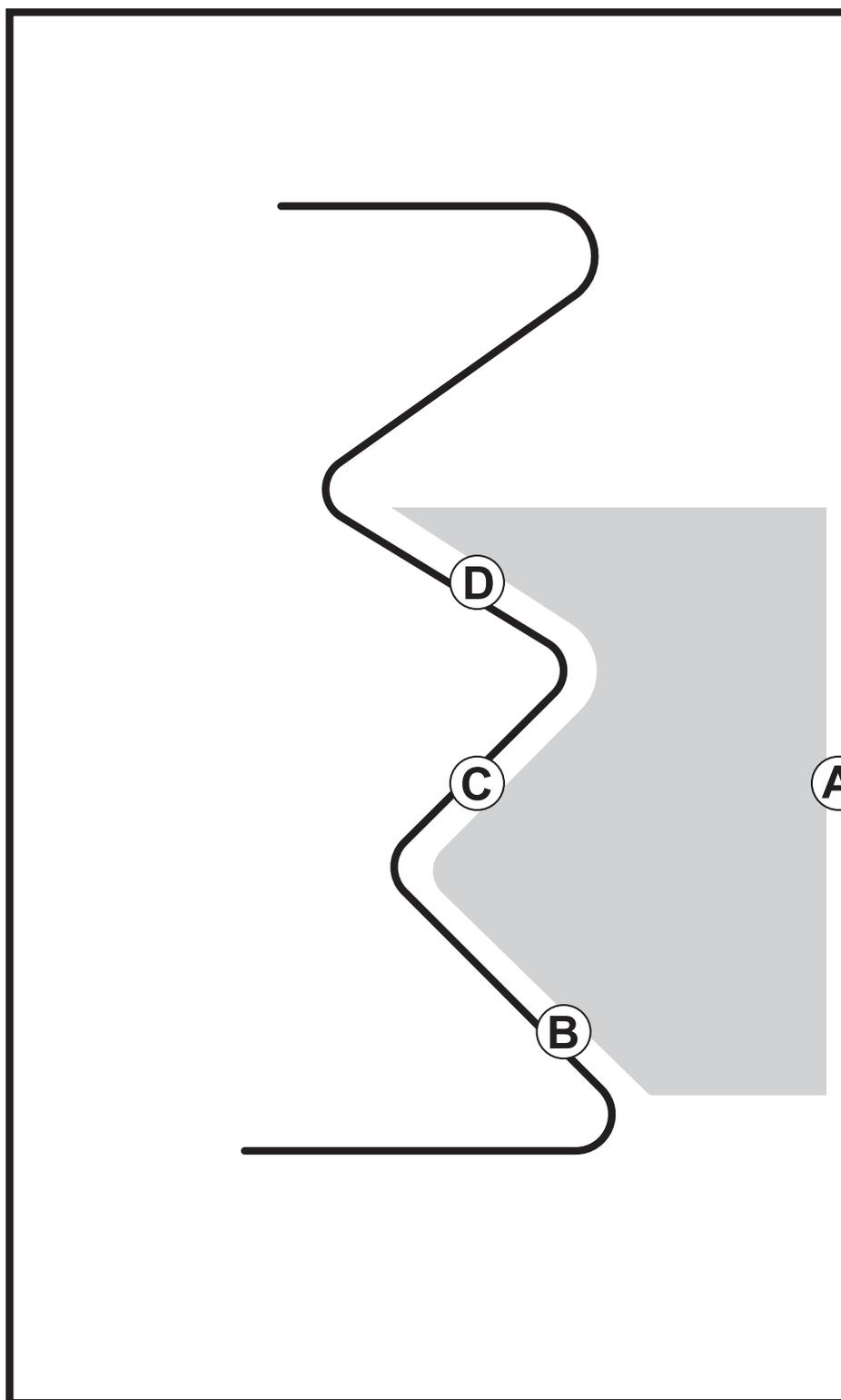
Monet não apenas pintava telas ao ar livre, mas mergulhava profundamente nas paisagens que escolhia retratar. Utilizando seu barco-ateliê, desenvolveu novos pontos de vista a partir do leito do rio em busca de experiências imersivas.

Desde as sutis variações de luz e clima na paisagem fluvial em diferentes estações do ano até eventos naturais de impacto considerável, como inundações e degelos, o rio foi um denominador comum nos diferentes momentos de sua trajetória, além de um condutor para sua representação dos hábitos sociais, dos fluxos do processo de industrialização da França e, claro, da própria natureza. A presença constante de motivos aquáticos também reflete a percepção desse elemento como um agente que permeia todos os seres vivos.

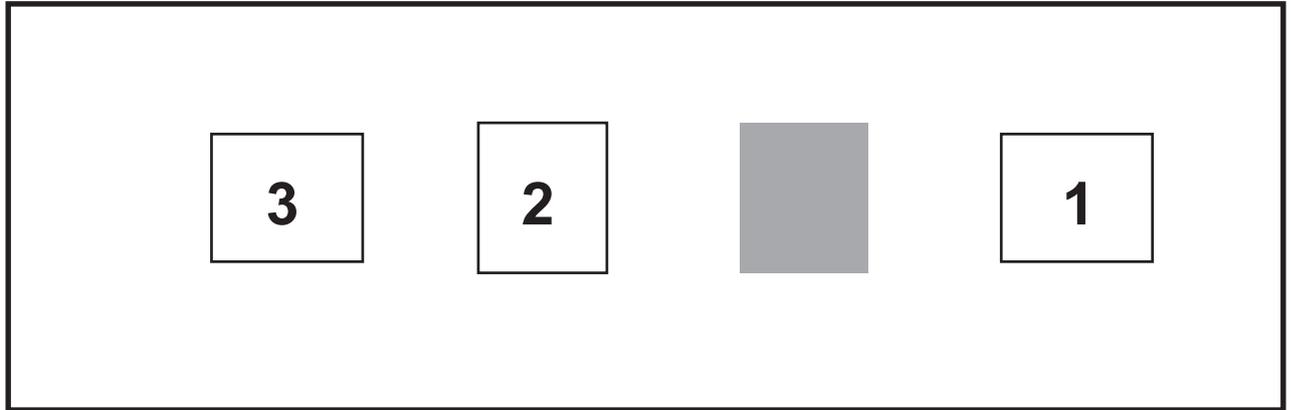
Estou seguindo a natureza sem conseguir compreendê-la; esse rio, que desce, volta a subir, um dia verde, depois amarelo, às vezes quase seco, e que amanhã será uma torrente, após a terrível chuva que está caindo agora.

Claude Monet, 1889

MAPA DO NÚCLEO 2



NÚCLEO 2, PAREDE A



CLAUDE MONET

1. *Caminho protegido*, 1873

Óleo sobre tela

Philadelphia Museum of Art, doação Sr. e Sra. Hughs Norment em honra de Milliam H. Donner, 1972, Estados Unidos

Em dezembro de 1871, Monet se mudou com a família para Argenteuil, uma cidade às margens do rio Sena, no subúrbio de Paris. Nesse período, sua obra se afastou consideravelmente da produção mais tradicional ligada a preceitos valorizados pelas academias de arte e pela exposição anual do Salão de Paris. Em Caminho protegido, pintada em 1873, suas pinceladas são largas e soltas e não buscam delimitar precisamente os contornos da vegetação à margem do caminho. A preocupação do artista é mais direcionada ao efeito da luz na cena. O sol forte torna vívido o verde da folhagem rasteira que margeia o caminho percorrido pela solitária figura e, ao fundo, a sombra da copa das árvores é composta em tons azulados, simulando, pela cor, o efeito do distanciamento da vegetação mais ao horizonte da imagem.

2. *O Sena em Port-Villez, circa 1890*

Óleo sobre tela

Musée D'Orsay, espólio do Conde Isaac De Camondo, 1911, Paris, França

Ao longo de toda sua produção, Monet pintou frequentemente o rio Sena, que banha as cidades nas quais viveu a maior parte de sua vida: Havre, Paris, Argenteuil, Vétheuil e Giverny. O caudaloso rio foi fundamental para o transporte de mercadorias no período de industrialização e modernização do país. Nessa paisagem pintada já no fim do século 19 em Port-Villez, cidade próxima à Giverny, o rio não é margeado por indústrias e tampouco figuram barcos transportando mercadorias ou sendo descarregados. Ao contrário, prevalece a sensação de uma paisagem intocada, sem

nenhum sinal da ação humana. Apenas o vento, força da própria natureza, cria o movimento da composição, representado pelas pinceladas curtas nos arbustos na porção de terra central da tela e também presente no reflexo das águas.

3. *Efeito da neve em Vétheuil*, 1878-79

Óleo sobre tela

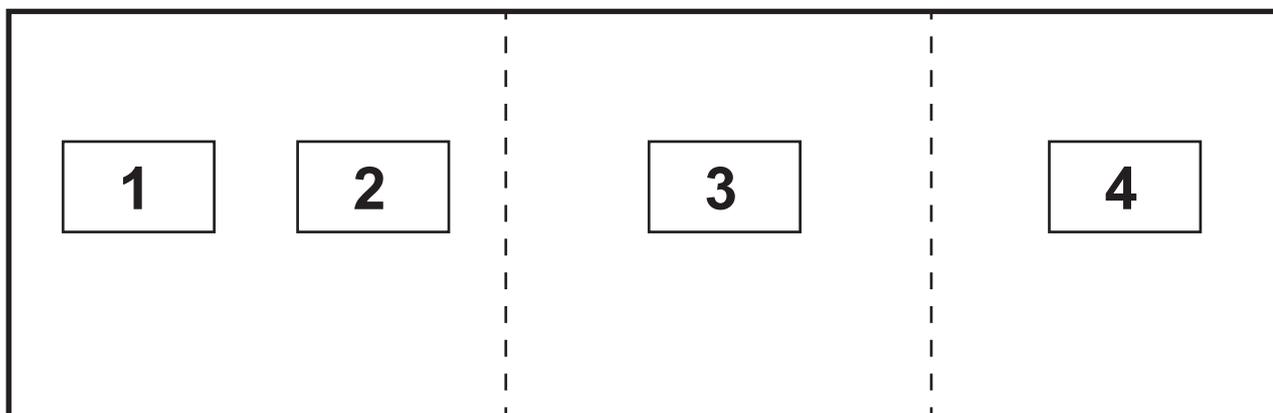
Musée D'Orsay, espólio de Gustave

Caillebotte, 1894, Paris, França

Em 1878, provavelmente por complicações financeiras, Monet e a família se mudaram para Vétheuil, uma cidade de pouco mais de seiscentos habitantes no interior da França, onde passaram a dividir uma casa com a família Hoschedé – colecionadores de obras impressionistas que enfrentavam um processo

de falência. O período na cidade proporcionou a Monet uma maior proximidade com a natureza. *Efeito da neve em Vétheuil* foi composta no primeiro inverno que o artista passou na região, pintada a partir da vista da margem oposta do rio Sena ou do leito do rio, de frente para a cidade, utilizando seu barco-ateliê. No plano de fundo, vemos uma igreja central cuja estrutura, datada do século XIII, contribui para a sensação de afastamento da modernização.

NÚCLEO 2, PAREDES B, C e D



CLAUDE MONET

1. *Na ponte de Argenteuil*, 1874

Óleo sobre tela

Saint Louis Art Museum, doação Sydney M.

Shoenberg Sr., Estados Unidos

Cenas de lazer são recorrentes na pintura impressionista. Em *Na ponte de Argenteuil*, Monet justapõe a caminhada bucólica de sua esposa e seu filho às margens do Sena ao trem cruzando a ponte recém-construída. Nesta obra, o lazer e o turismo burguês coexistem com sinais da modernização de Argenteuil. No entanto, com o passar dos anos, os trens que cortavam a cidade e as fábricas que se multiplicavam ao seu redor se tornaram escassos nos quadros de Monet. Esse desaparecimento é interpretado pela historiografia da arte como um sinal de desilusão diante da perspectiva de uma harmonia entre a industrialização e a natureza. Quando voltaram a aparecer em sua obra, em paisagens pintadas fora de Argenteuil, esses símbolos da modernidade tornaram-se o próprio tema de suas pinturas, como em suas cenas da poluída névoa londrina.

2. *O passeio de Argenteuil*, circa 1872

Óleo sobre tela

National Gallery of Art, coleção Ailsa Mellon

Bruce, Washington, D.C., Estados Unidos

Monet viveu em Argenteuil entre 1871 e 1878. Na época, essa cidade situada a poucos quilômetros de Paris passava por um processo de modernização e integração à capital francesa. Em *O passeio de Argenteuil*, um caminho de terra se estende em direção ao horizonte, margeado, de um lado, por grandes árvores e, do outro, pelo rio Sena, calmo e sem correntezas. No horizonte, algumas chaminés de fábricas, sem sinal de fumaça, se tornam elementos tão integrados na paisagem quanto a própria vegetação, criando uma perspectiva idílica da chegada da indústria ao campo. Esse ideal de coexistência harmônica

entre indústria e natureza é característico das obras feitas por Monet durante seus primeiros anos em Argenteuil, mas desaparece de sua produção na segunda metade da década de 1870.

3. A ponte de Argenteuil, tempo cinzento, circa 1876

Óleo sobre tela

National Gallery of Art, coleção Ailsa Mellon Bruce, Washington, D.C., Estados Unidos

A partir de 1875, após quatro anos morando em Argenteuil, Monet deixou de pintar a presença industrial na cidade. Em *A ponte de Argenteuil, tempo cinzento*, não são os barcos a vapor transportando mercadorias pelo curso do Sena que são representados, mas pequenos barcos

a vela, associados ao lazer ribeirinho que atraía parisienses para a cidade – mesmo que o tempo fechado não se mostrasse propício para essas atividades da burguesia em seu tempo livre. No canto direito da tela, próximo à margem do rio, está o barco-ateliê de Monet, uma embarcação com uma pequena cabine verde construída para abrigar o artista e seu material de trabalho enquanto pintava cenas observadas a partir do leito, imerso nas águas caudalosas do Sena.

4. *O degelo*, 1882

Óleo sobre tela

Kunstmuseum Bern, espólio de Eugen Loeb,
Suíça

Monet e sua família presenciaram um atípico inverno na passagem do ano 1879 para 1880, marcado por temperaturas especialmente baixas. Um degelo súbito do Sena criou uma forte e massiva correnteza de água que, ao descer pelo curso do rio, alagou até mesmo o jardim da casa de Monet em Vétheuil. Nesse período, ele começou a pintar as cenas de degelo, antecipando o modo de trabalho em série que adotaria ainda mais sistematicamente nos anos 1890. Em *O degelo*, o artista representa o motivo do desastroso inverno. Os tons de rosa e lilás e a pouca indicação de movimento na cena criam uma atmosfera de calma, e os blocos de gelo que flutuam sobre a água são representados por pinceladas horizontais que se assemelham às ninfeias — tema ao qual Monet se dedicaria posteriormente em Giverny.

TEXTO DO NÚCLEO 3

GIVERNY: NATUREZA DOMESTICADA

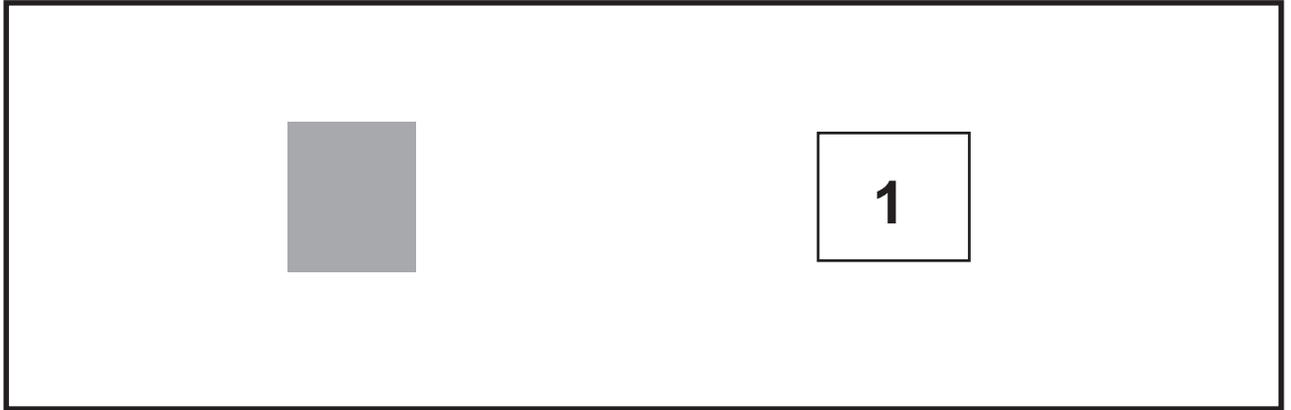
Os jardins de Monet em Giverny se tornaram um refúgio escapista frente à modernização parisiense, sem dúvidas, mas não só. O artista os concebeu como uma pintura ao ar livre, uma fusão dos domínios natural e humano. A jardinagem, paixão de Monet ao longo da vida, também pode ser vista como um desejo de controle da natureza. Isso fica claro pela introdução de plantas e elementos dos jardins japoneses, e também pela escolha das espécies plantadas, de forma que o jardim estivesse florido em todas as estações do ano e que apenas o mínimo possível de terra nua ficasse aparente. O artista viveu em seu santuário verde por mais de quatro décadas, de 1883 até sua morte, em

1926. Nos últimos anos, quase cego, a forma dos temas representados se dissolvia à medida que a definição da imagem cedia lugar aos efeitos das manchas na superfície da tela, como vemos na obra do MASP. Não obstante o debate estéril sobre a alegada tendência à abstração e a escolha de cores fortes para compensar a perda gradual da visão, foi em Giverny que Monet se dedicou às mais conhecidas obras de sua carreira: as enormes telas de ninfeias.

Essas paisagens de água e reflexos se tornaram uma obsessão. Estão além das minhas forças na minha idade, e mesmo assim quero conseguir expressar o que sinto.

Claude Monet, 1908

NÚCLEO 3, PAREDE A



CLAUDE MONET

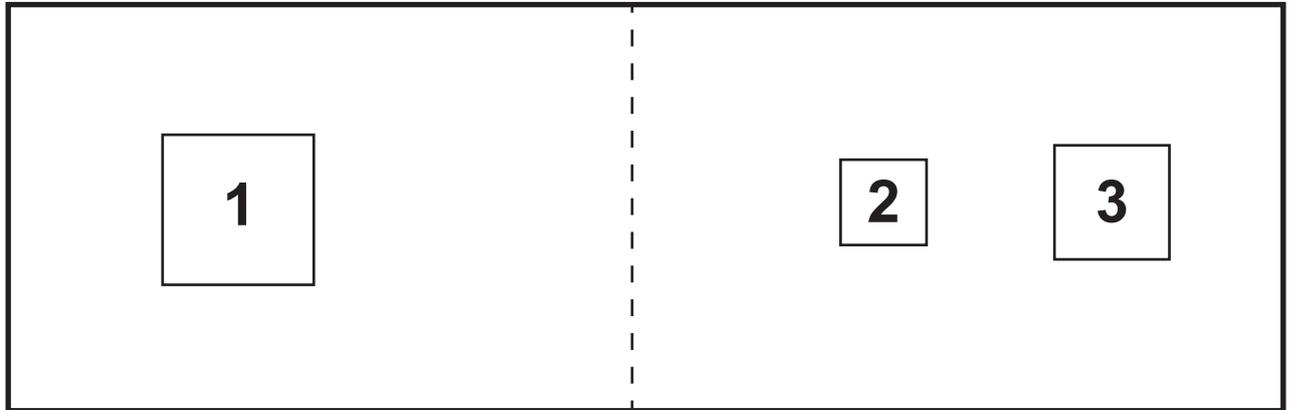
1. *A casa entre as roseiras*, 1925

Óleo sobre tela

Coleção Airton Queiroz, Fortaleza, Brasil

Ainda nos anos 1870, Monet foi introduzido à jardinagem por outro pintor impressionista, Gustave Caillebotte. O artista passaria a se dedicar cada vez mais aos seus jardins e, sobretudo após a mudança para Giverny, o cultivo de plantas e flores ornamentais se tornou um projeto ambicioso. Os jardins também se tornaram recorrentes na produção de Monet até o fim da vida. Em *A casa entre as roseiras*, pintada em 1925, as pinceladas largas e fluidas aparecem de maneira quase homogênea por toda a tela, diluindo os limites entre a casa ao fundo e as roseiras mais à frente. Essa característica da pintura de Monet em seus últimos anos de produção cria uma sensação de planaridade na tela, destacando os elementos formais, sobretudo as cores e a luminosidade da cena, em detrimento do traçado preciso dos elementos representados.

NÚCLEO 3, PAREDES B e C



CLAUDE MONET

1. *Campo em Giverny*, 1887

Óleo sobre tela

Coleção Victoria e Eric Hime, São Paulo, Brasil

Em 1883, Monet se mudou com sua família para Giverny, uma cidade às margens da foz do rio Epte no Sena. *Campo em Giverny* retrata as paisagens das imediações da casa do pintor. No primeiro plano da obra, uma árvore, pintada em pinceladas soltas, enquadra detalhes compostos por sutis variações tonais de violetas, azuis e verdes mais ao longe na paisagem. Algumas construções sugerem casas de um vilarejo ou galpões de uma propriedade enquanto uma forma arredondada na porção direita da tela apresenta um monte de grãos, coberto por feno. Alguns anos mais tarde, o artista representaria esses montes sob diferentes variações de luz e efeitos atmosféricos, em uma de suas séries mais conhecidas.

2. A ponte japonesa sobre a lagoa das ninfas em Giverny, 1920-24

Óleo sobre tela

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação Louis La Saigne, 1948

Logo após a construção da lagoa em seu jardim em Giverny, Monet adicionou à paisagem uma pequena ponte de madeira inspirada nas pontes dos jardins japoneses. Sobretudo a partir da segunda metade do século 19, peças de design e gravuras importadas do Japão passaram a circular na Europa ocidental, influenciando a produção artística do período. Monet tinha uma notória coleção de *ukiyo-e* – xilogravuras japonesas produzidas entre os séculos 17 e 19 que retratavam cenas da vida cotidiana. A construção da ponte arqueada evidencia essa

influência, assemelhando-se às pontes retratadas em algumas xilogravuras de Hiroshige Utagawa pertencentes à coleção do artista francês. Para além da concepção de seu jardim d'água, muitas das composições das pinturas de Monet são inspiradas por vistas e cortes de imagem típicos dos *ukiyo-e*.

3. A ponte japonesa, 1918-26

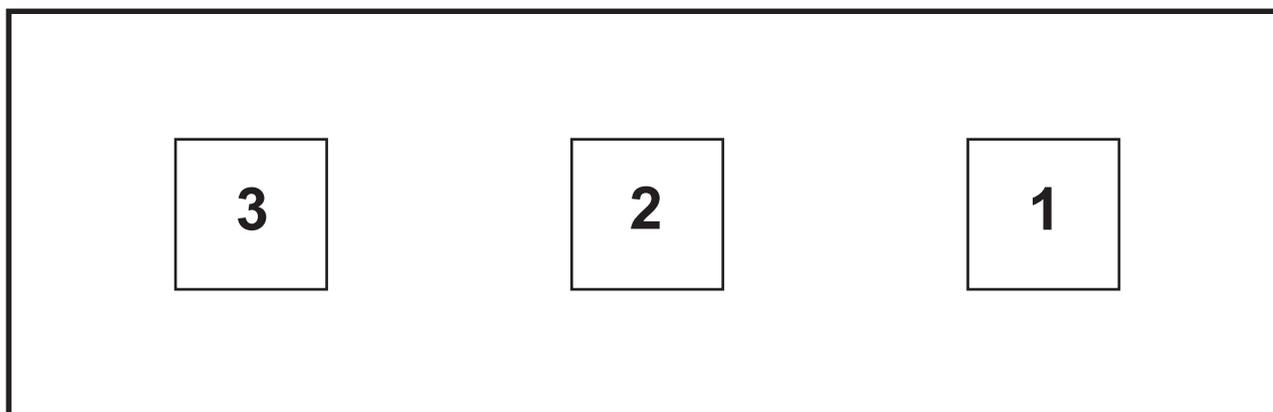
Óleo sobre tela

Philadelphia Museum of Art, coleção Albert M. Greenfield e Elizabeth M. Greenfield, 1974, Estados Unidos

Desde meados da década de 1910, Monet notava uma progressiva deterioração em sua visão devida à catarata. Em setembro de 1922 o artista descobriu que estava praticamente cego

de seu olho direito e que tinha apenas uma ínfima porcentagem de visão no olho esquerdo. O artista passou por uma cirurgia em 1923 e fez uso de diversas lentes e tratamentos experimentais que recuperaram parcialmente sua visão. Após a operação, em alguns momentos, ele conseguia perceber com acuidade as variações tonais da paisagem, mas em outros as cores se tornavam terrivelmente distorcidas. Obras como *A ponte japonesa*, com contrastes marcantes e tons saturados, sobretudo vermelhos e amarelos, foram associadas à decadência de sua visão em função da catarata – embora isso seja contestado por alguns historiadores da arte. A coloração dessa obra e de outras do mesmo período se afasta das sutilezas tonais que caracterizaram sua produção anterior.

NÚCLEO 3, PAREDE D



CLAUDE MONET

1. *Ninfeias*, 1904

Óleo sobre tela

Denver Art Museum, compra com recursos fornecidos pelo espólio de Helen Dill, Estados Unidos

As pinturas das ninfeias na lagoa em Giverny desafiam a estruturação tradicional de uma paisagem, em que chão e céu seriam divididos pela linha do horizonte, que ora era localizada acima do centro da pintura, ora abaixo, mas raramente se aproximava dos limites da tela. Nessas obras de Monet, a linha do horizonte é obliterada e esquemas de perspectiva linear não são aplicados à estrutura da composição. O espelhamento da superfície do lago inverte os polos céu e terra: a vegetação passa a ocupar o topo da tela e a água, na porção inferior, reflete arbustos e copas de árvores. Os agrupamentos de ninfeias, como um conjunto de formas elípticas, se estendem horizontalmente na tela e se sobrepõem a esse espelhamento da água, tensionando a ilusão da imagem invertida.

2. *Ninfeias*, 1907

Óleo sobre tela

The Museum of Fine Arts, Houston, doação

Sra. Harry C. Hanszen, Estados Unidos

A partir da construção da lagoa com plantas aquáticas no jardim de Giverny em 1893 até o fim de sua vida, Monet pintou mais de 250 telas de suas ninfeias. O grande número de pinturas com o mesmo tema permitiu ao artista criar uma considerável variação de composições e efeitos. Esta obra de 1907 se destaca entre as demais do mesmo conjunto por sua verticalidade – um formato normalmente associado ao retrato em contraposição ao formato horizontal, mais utilizado em paisagens. O reflexo da copa de duas árvores deixa entrever um pedaço do céu. Nessa parte da pintura, os matizes de violeta que

variam de tons mais claros, próximos ao branco, até o azulado evidenciam a atenção de Monet para a representação dos efeitos luminosos do céu refletido na água.

3. *As ninfas*, 1904

Óleo sobre tela

Musée D'Art Moderne André Malraux,
Havre, França

As pinturas das ninfas na lagoa em Giverny desafiam a estruturação tradicional de uma paisagem, em que chão e céu seriam divididos pela linha do horizonte, que ora era localizada acima do centro da pintura, ora abaixo, mas raramente se aproximava dos limites da tela. Nessas obras de Monet, a linha do horizonte é obliterada e esquemas de perspectiva linear

não são aplicados à estrutura da composição. O espelhamento da superfície do lago inverte os polos céu e terra: a vegetação passa a ocupar o topo da tela e a água, na porção inferior, reflete arbustos e copas de árvores. Os agrupamentos de ninfeias, como um conjunto de formas elípticas, se estendem horizontalmente na tela e se sobrepõem a esse espelhamento da água, tensionando a ilusão da imagem invertida.

TEXTO DO NÚCLEO 4

O PINTOR COMO CAÇADOR

Em um momento de ascensão do turismo moderno, na segunda metade do século 19, Monet viajou extensamente pela França e por países próximos. Nessas explorações, o artista buscava pintar os efeitos atmosféricos particulares de cada lugar. No mediterrâneo, sua pintura traduziu a luz impiedosa da região; já na costa da Bretanha foi o mar revolto que desafiou o pintor; enquanto na Holanda as cores dos campos de tulipas criaram um pretexto que antecipou seu trabalho nos jardins floridos em Giverny.

A partir dos anos 1860, Monet passou a viajar frequentemente para a Normandia, onde pintou sobretudo paisagens costeiras. Se no

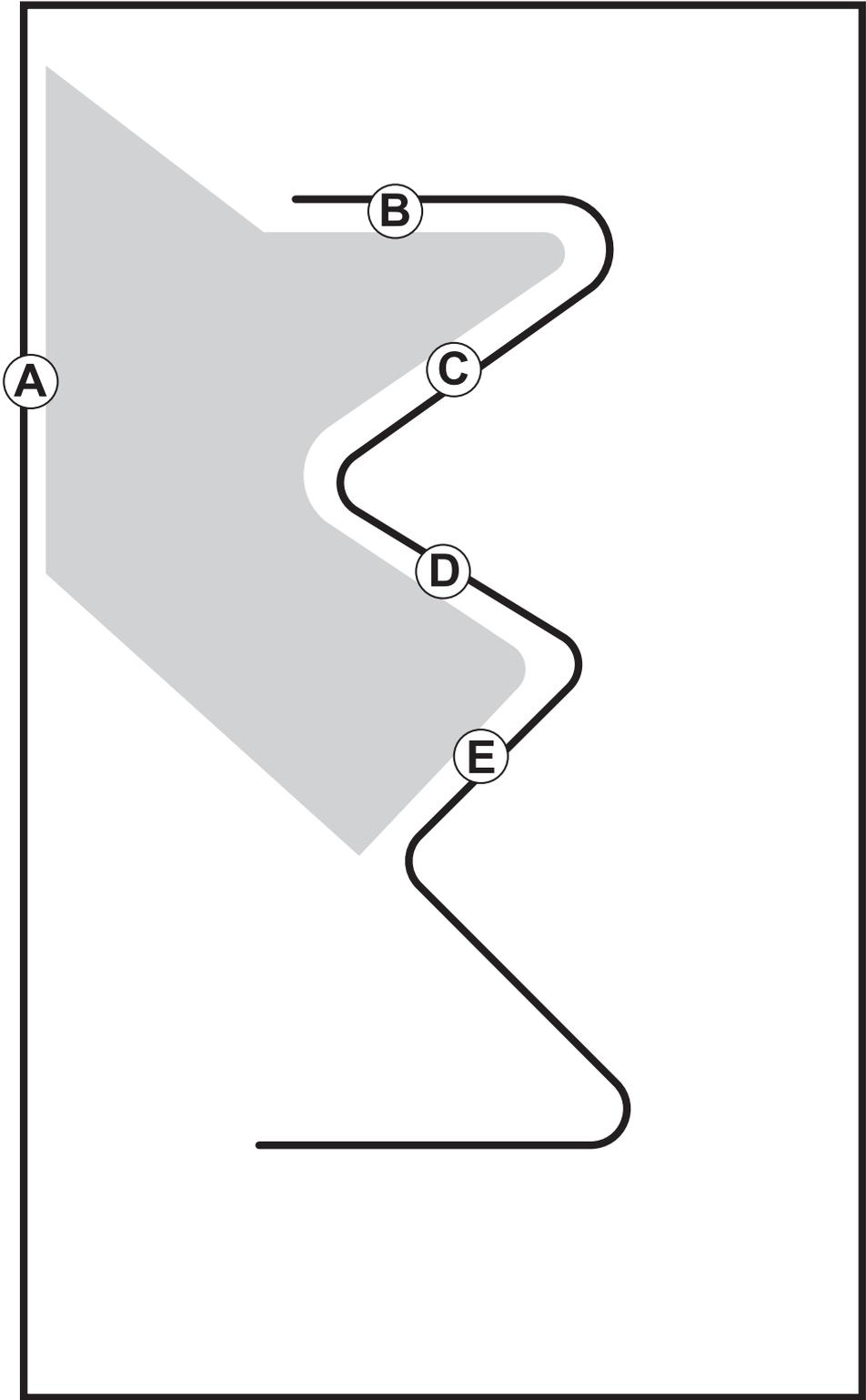
início ele se limitava às áreas de fácil acesso, especialmente após os anos 1880 ele passou a se aventurar por trilhas em busca de pontos de vista originais. A partir de então, o ato de caminhar até um local desejado para pintar passou a influenciar a composição de suas obras, já que implicava não apenas o deslocamento em si, mas a própria presença do corpo do pintor imerso na paisagem. Essa procura incessante por novos cenários levou o escritor francês Guy de Maupassant (1850-1893) a comparar as caminhadas de Monet às andanças de um caçador em busca de “impressões”.

A minha é uma vida de cão, e eu nunca paro de andar, eu subo e desço, por toda parte.

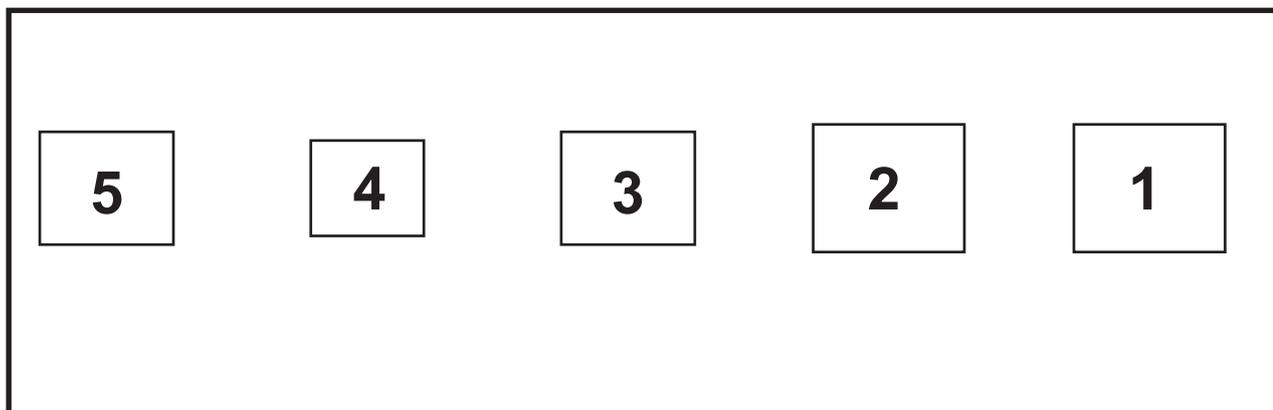
Saio em explorações por todos os caminhos que encontro, sempre à procura de algo novo.

Claude Monet, 1884

MAPA DO NÚCLEO 4



NÚCLEO 4, PAREDE A



CLAUDE MONET

1. *O vale do Creuse, sol poente*, 1889

Óleo sobre tela

Musée Unterlinden, Colmar, França

Entre março e maio de 1889, Monet visitou Fresselines, uma cidade situada no ponto de confluência entre o rio Petite Creuse e o Grande Creuse, que também desagua no Sena. Assim que chegou à cidade, Monet logo partiu em caminhadas para conhecer a região, subindo nos paredões rochosos que possibilitam impressionantes vistas do encontro dos rios. As rochas que formam essas encostas sem vegetação lembraram Monet da ilha de Belle-Île, que o havia desafiado três anos antes. Em *O vale do Creuse, sol poente*, ao contrário do tempo fechado retratado por Monet nas pinturas da ilha na Bretanha francesa, um pôr-do-sol de cores vibrantes e quentes ilumina a superfície rochosa e se reflete nas águas do rio.

2. A cabana da alfândega, 1882

Óleo sobre tela

Harvard Art Museums/Fogg Museum,
espólio de Annie Swan Coburn, Cambridge,
Estados Unidos

A cabana da alfândega faz parte de um conjunto de quatro telas, pintadas em 1882, com composições similares a partir da vista de uma das caminhadas de Monet pela Normandia. Na borda de um desfiladeiro, a velha cabana da pintura havia sido usada inicialmente como um posto alfandegário durante o império napoleônico e depois foi apropriada por alguns pescadores para o armazenamento de materiais. De frente para o Canal da Mancha, a pequena construção, como um símbolo da presença humana, parece ao mesmo tempo se contrapor e contemplar

a imensidão da natureza e do oceano que se abre a sua frente. A linha do horizonte elevada na composição contribui para a sensação de imersão na natureza.

3. *Belle-Île, rochedos de Port-Goulphar*, 1886

Óleo sobre tela

The Art Institute of Chicago, doação Sr. e Sra. Chauncey B. Borland, Estados Unidos

Em 1886, Monet viajou para Belle-Île, na região da Bretanha. Inicialmente se hospedou em Le Palais, uma cidade localizada na costa da ilha voltada para o continente e que concentrava seu comércio e sua população. Frustrado por não encontrar naquela região as paisagens deslumbrantes que procurava, em seguida Monet se estabeleceu na pequena cidade de

Kervilahoen, na costa contrária de Belle-Île, banhada diretamente pelo Oceano Atlântico. As pinturas realizadas ali, como *Belle-Île*, *rochedos de Port-Goulphar*, evocam a selvagem e magnífica paisagem da região, com suas rochas vulcânicas esculpidas ao longo de milhares de anos por ondas revoltas. Nessa pintura, apesar do raro momento de trégua das fortes tempestades e do mar impiedoso, o céu está nublado. As pinceladas suaves das nuvens contrastam com a aspereza das rochas e com os reflexos na água, compostos por pinceladas curtas e marcadas.

4. *A entrada do porto de Trouville*, 1870

Óleo sobre tela

Szépművészeti Múzeum/Museum of Fine Arts,
Budapeste, Hungria

Em 1870, Monet e sua companheira, Camille, passaram uma temporada em Trouville, na Normandia. A partir da década de 1850, a cidade havia se tornado um destino atrativo para o turismo. Uma linha ferroviária ligava Paris à região em poucas horas. Muitas das obras pintadas por Monet durante essa viagem representam a alteração da paisagem local, com a instalação de hotéis, restaurantes e até mesmo um cassino. Em contraposição a essas cenas movimentadas, em *A entrada do porto de Trouville* barcos a vela e pescadores ocupam o centro da composição e representam outro modo de relação com a natureza, marcado pela pesca artesanal. Essa atividade perdia progressivamente seu espaço para sinais marcantes da modernidade, como o turismo e a produção industrial, associada à exploração intensiva da natureza.

5. *Três barcos de pesca*, 1886

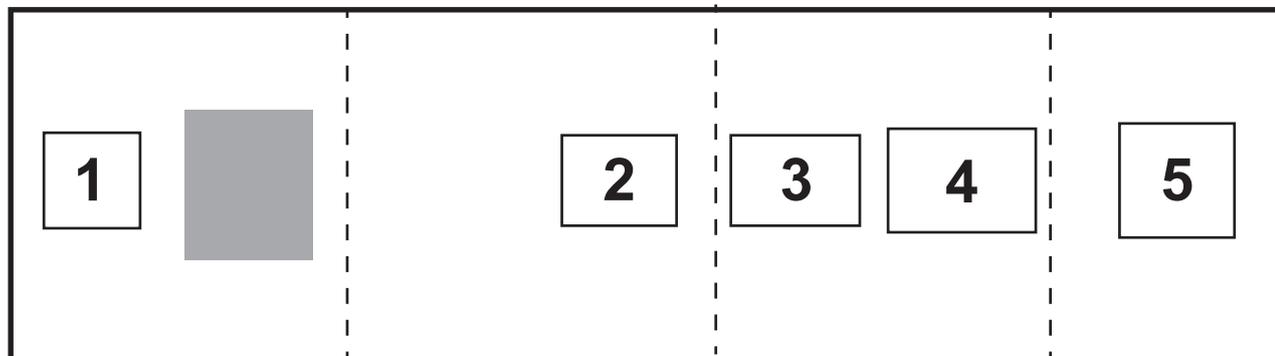
Óleo sobre tela

Szépművészeti Múzeum/Museum of Fine Arts,
Budapeste, Hungria

Monet cresceu na região da Normandia, no norte da França. Como se recordaria olhando retrospectivamente para sua formação, foi lá, com os pintores de paisagem Eugène Boudin e Johan Jongkind, que o artista afinou seu olhar e aprendeu a ver e a pintar a natureza. Ao longo dos anos, Monet continuou retornando a essa região costeira para pintar e, dessa forma, acompanhou a transformação da região, com o avanço do turismo e sua progressiva modernização. Em Étretat, onde Monet pintou *Três barcos de pesca*, uma pequena comunidade que praticava a pesca extensiva passou a

conviver com uma estância balneária atrativa para turistas da burguesia parisiense. Nessa obra, as embarcações simples, reminiscentes da atividade pesqueira, são vistas de cima, e o mar preenche a porção superior da tela, intensificando a sensação de extrema agitação das ondas.

NÚCLEO 4, PAREDES B, C, D e E



CLAUDE MONET

1. *Rochedos à beira do Mediterrâneo*, 1888

Óleo sobre tela

Columbus Museum of Art, espólio de

Frederick W. Schumacher, Estados Unidos

A primeira viagem de Monet à costa mediterrânea aconteceu em dezembro de 1883, acompanhado por Pierre-Auguste Renoir. Os dois artistas pintaram cenas da Riviera Francesa e de Mônaco. Maravilhado pela desafiadora luz da região, Monet retornou depressa ao sul, dessa vez para Bordighera, na Itália, ainda em janeiro de 1884. Então, em 1888, realizou mais uma viagem para Antibes, quando pintou *Rochedos à beira do Mediterrâneo*. A formação rochosa representada pelo artista está localizada a oeste da cidade, que é visível ao fundo da cena. A composição da paisagem é construída a partir do diálogo pictórico imponente entre as rochas costeiras e o azul profundo do mar. A contraposição entre esses dois elementos remete às obras compostas dois anos antes em Belle-Île, na Bretanha francesa.

2. *Tempestade, costa de Belle-Île*, 1886

Óleo sobre tela

Musée D'Orsay, espólio de Gatton Migeon,
1932, Paris, França

Quando decidiu visitar Belle-Île, na Bretanha francesa, procurando uma parte mais isolada da ilha para pintar, Monet se estabeleceu em Kervilahouen, uma cidade onde havia apenas dez casas de pescadores. Essa região afastada era conhecida como “mar terrível” em função das ventanias violentas e tempestades constantes que marcavam sua paisagem – condições climáticas tortuosas para um artista que prezasse pela pintura ao ar livre. A obra *Tempestade, costa de Belle-Île* retrata esse clima árduo característico da região, com as ondas do mar revolto se chocando brutalmente contra as rochas da costa

e esculpindo-as em afloramentos angulosos e pontiagudos como agulhas. Em uma carta para sua companheira, Alice Hoschedé, o artista confessou se sentir “incapaz de expressar a intensidade” e a “qualidade trágica” da paisagem local, que descreve como “sinistra como o inferno, mas bastante esplêndida”.

3. *Falésia de Pourville, manhã*, 1897

Óleo sobre tela

The Montreal Museum of Fine Arts, compra,
John W. Tempest Fund, Canadá

Em uma de suas viagens à costa normanda da França, já no fim dos anos 1890, Monet retratou os penhascos costeiros de Pourville em um conjunto de seis telas pintadas a partir de composições quase idênticas. Em seu processo

de produção em série, o artista levava para o campo diversas telas às quais dava início em momentos distintos, em diferentes períodos do dia ou, por vezes, com apenas alguns minutos de diferença – o suficiente para haver alguma alteração de luz. Em *Falésia de Pourville pela manhã*, a vegetação sobre as falésias é banhada pelo sol ameno, assumindo tons alaranjados e rosados. A luz suave da manhã projeta a sombra lilás dos penhascos sobre a areia da praia e o mar está calmo, sem ondas.

4. *Casa de jardineiro em Antibes*, 1888

Óleo sobre tecido

The Cleveland Museum of Art, doação Sr. e Sra. J . H. Wade, Estados Unidos

Entre janeiro e maio de 1888, Monet visitou Antibes, na costa mediterrânea, ao sul da França. Durante sua estada, o pintor se queixou das condições climáticas instáveis, especialmente dos ventos repentinos, capazes de derrubar seu cavalete. As cores da região banhada pelo sol contrastavam com as cenas mais ao norte da França, que Monet pintava com mais frequência. De acordo com Monet a paisagem mediterrânea era composta por “tons rosados e azuis tão limpos e puros que a menor pincelada mal calculada parece uma mancha de sujeira”. Nesta obra, a casa de um jardineiro é retratada sob um sol escaldante. A luz mediterrânea, impiedosa e quente, é traduzida por cores luminosas e por grossas camadas de tinta. Ao fundo, vemos a cidade de Antibes, a qual o pintor se refere como uma “pequena cidade fortificada toda dourada sob o sol”.

5. *Em Sassenheim, próximo a Haarlem, campo de tulipas, 1886*

Óleo sobre tela

Clark Art Institute, Williamstown, Estados Unidos

Em 1886, Monet foi convidado por um diplomata francês a viajar para a Holanda e pintar seus famosos campos de tulipas. Em uma carta para seu marchand, Paul Durand-Ruel, Monet expressou sua preocupação em representar as cores daquelas flores: “É admirável, mas de deixar o pobre pintor louco”. As tulipas são pintadas em tons lilases, rosados e vermelhos vivos, agrupadas em manchas de cor pelo campo, compostas de pinceladas horizontais marcadas e densas. Essas propriedades que cultivavam as flores entre Leiden e Haarlem eram comumente ladeadas por um pequeno rio de

águas claras, como o que corta o canto inferior esquerdo da tela e reflete algumas das cores marcantes das tulipas.

TEXTO DO NÚCLEO 5

NEBLINA E FUMAÇA

A energia a vapor, as fábricas em expansão e as rápidas mudanças nos meios de produção modificaram o horizonte das cidades do século 19. As chaminés passaram a competir com as torres das igrejas na paisagem urbana e, à medida que a vida social e econômica se tornava frenética, o ambiente das cidades passou a ameaçar a natureza idílica tão frequentemente tematizada na produção artística do período.

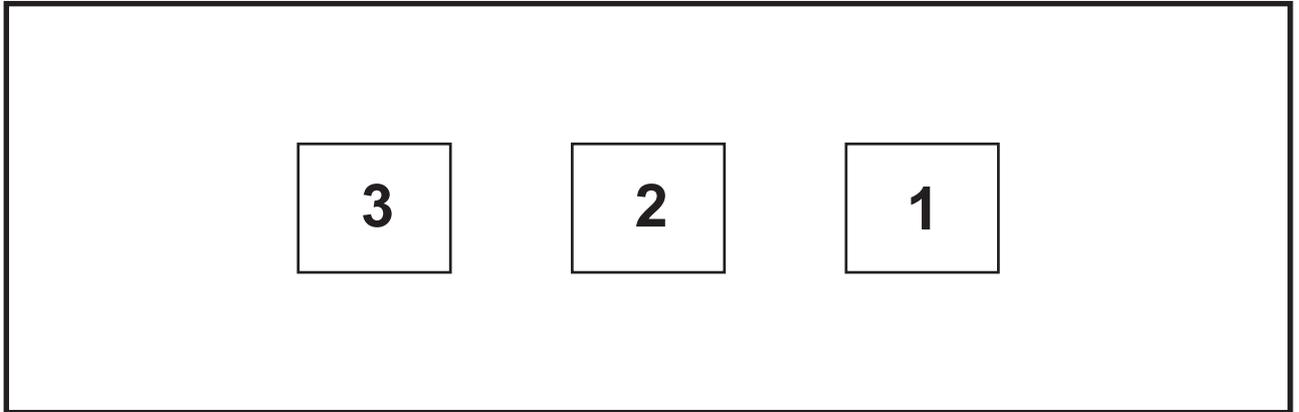
Essas chaminés, as nuvens de vapor e os trens apareceram nas obras de Monet a princípio como elementos nas pinturas de paisagens, mas eventualmente esses signos da modernidade passaram a ser protagonistas das pinturas. Entre suas representações mais famosas desse mundo

em transformação estão suas pinturas de Londres. “O que eu mais gosto em Londres é a névoa”, disse o artista durante o período passado na cidade, onde a névoa e a poluição se misturam. Vistas das pontes de Waterloo e Charing Cross, assim como do Parlamento, são emblemáticas da maneira como Monet explorou esses efeitos atmosféricos com cores e pinceladas difusas, trazendo espessura à névoa e evidenciando o ar poluído, revelando vislumbres mais ou menos nítidos das torres de fábricas ao fundo.

Hoje de manhã bem cedo havia uma neblina extraordinária, completamente amarela; acho que não fiz uma má representação dela; é sempre bonita, na verdade, mas tão variável que tive que começar várias telas da Ponte de Waterloo e das Casas do Parlamento.

Claude Monet, 1900

NÚCLEO 5, PAREDE A



CLAUDE MONET

1. Vista do antigo porto do Havre, 1874

Óleo sobre tela

Philadelphia Museum of Art, espólio da Sra.

Frank Graham Thomson, 1961, Estados Unidos

Em *Vista do antigo porto do Havre* inúmeras embarcações se aglomeram na enseada da cidade localizada na região da Normandia, no norte da França. Em sua maior parte são barcos a vela, mas algumas outras embarcações, mais modernas e movidas a vapor, lançam ao céu a fumaça da queima do carvão. Na orla, muitos transeuntes caminham pelo passeio. As mulheres estão vestidas com roupas elegantes e algumas seguram sombrinhas. Outras figuras parecem acompanhadas de crianças – uma insinuação ao turismo que se popularizava entre famílias parisienses, já que a região passava a ser ligada à capital francesa por uma linha ferroviária. A modernização da cidade foi acompanhada de perto por Monet e deve ter impressionado o artista que havia passado sua infância e adolescência na região durante as décadas de 1840 e 1850.

2. *Ponte de Waterloo, tempo cinzento*, 1903

Óleo sobre tela

Kunstmuseum Bern, espólio de Cornelius

Gurlitt, 2014, Berna, Suíça

Entre os anos de 1899 e 1901, Monet visitou Londres anualmente, permanecendo algumas semanas na cidade em cada uma de suas viagens. O artista retratou, as vistas das pontes de Waterloo e Charing Cross da janela de seu hotel habitual, às margens do rio Tâmis. Apesar de ter iniciado as pinturas de Londres enquanto estava na cidade, as obras só foram finalizadas posteriormente, em Giverny. Monet reunia as pinturas feitas na capital inglesa em seu ateliê, retrabalhando e retocando as obras com o fim de resgatar o efeito atmosférico observado. Monet insistia que as telas só estariam prontas

para ser expostas quando o conjunto completo fosse finalizado e satisfizesse, como um todo, a visão do artista.

3. *Ponte de Waterloo, efeito do sol*, 1903

Óleo sobre tela

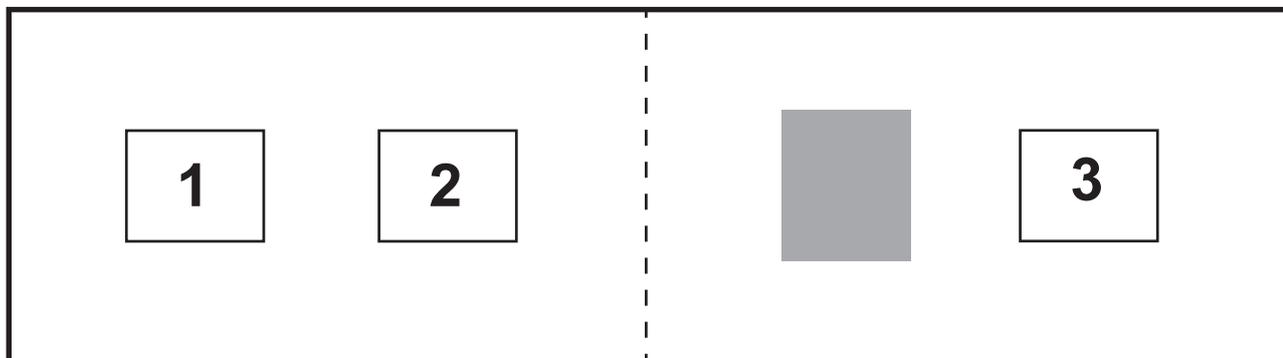
Mcmaster University, McMaster Museum of Art, doação Herman H. Levy, 1984, Hamilton, Canadá

Em suas viagens a Londres, Monet se valeu de um método de pintura em série que vinha adotando mais sistematicamente desde o início da década de 1890. O artista pintava diversas telas a partir de composições similares em que explorava a variação da luz e a qualidade instantânea dos fenômenos atmosféricos. Monet realizou cerca de cem telas em suas viagens à capital britânica entre

1899 e 1901. Desse total, a ponte de Waterloo foi pintada por Monet mais de quarenta vezes em diferentes variações de efeitos climáticos.

Ponte de Waterloo, efeito do sol apresenta a vista do rio Tâmis sob a escaldante luz de um dia ensolarado que incide quase homogeneamente na composição, criando variações tonais entre rosas, lilases e azuis na cena.

NÚCLEO 5, PAREDES B e C



CLAUDE MONET

1. *Ponte de Charing Cross, neblina*, 1902

Óleo sobre tela

Art Gallery of Ontario, doação Ethel e Milton Harris, 1990, Toronto, Canadá

No fim da década de 1890, Monet revisitou alguns lugares que já havia pintado anteriormente, como Londres – onde havia se autoexilado em 1871, para evitar sua convocação ao exército durante a Guerra Franco-Prussiana. Em seu retorno à capital britânica, o artista se empenhou na representação da célebre névoa londrina e de seus efeitos na paisagem local. A grande massa úmida turvava a visão, diluindo a nitidez das estruturas arquitetônicas da cidade e tornando a luz mais difusa. Em *Ponte de Charing Cross, neblina*, os contornos da estrutura da ponte são apenas sugeridos por pinceladas largas e rápidas, sem detalhes ou traçados precisos. A linha do horizonte é demarcada sutilmente e a luz da cena parece irradiar a partir de um sol amarelo no topo da tela, encoberto pela névoa, criando sombras em tons de lilás, rosa e azul.

2. *Ponte de Charing Cross*, 1903

Óleo sobre tela

Saint Louis Art Museum, compra,

Estados Unidos

Nesta pintura da ponte de Charing Cross, o sol é refletido intensamente nas águas do rio Tâmis, sobretudo na porção direita da tela, criando pontos de luz mais acentuados que se destacam no movimento da correnteza do rio. No canto esquerdo, a silhueta de um pequeno barco a vela navega pelo rio. Sua presença se contrapõe a um trem que cruza a ponte, soltando no céu uma nuvem de fumaça. Apesar de gerada pela combustão do carvão, essa nuvem parece inofensiva, em tons claros e formas orgânicas que logo se dissipam no espaço, acentuando o efeito ótico criado naturalmente pela névoa londrina que tanto intrigou Monet.

3. *Ponte de Waterloo, tempo cinzento*, 1900

Óleo sobre tela

Instituto de Arte de Chicago, doação Sra.
Mortimer B. Harris, Estados Unidos

Durante suas visitas a Londres no fim dos anos 1890 e no início do novo século, Monet se interessou pelos efeitos da névoa na visão. Esse fenômeno típico do clima úmido da cidade se misturava também à fumaça liberada pela indústria local a partir da queima do carvão, gerando o que se conhece, em inglês, como smog – uma junção de smoke (fumaça) e fog (névoa). Sob essas condições, a percepção visual da paisagem se altera: os contornos parecem se desfazer, e a cena perde sua nitidez. Em *Ponte de Waterloo, tempo cinzento*, uma luz desfocada confere ao céu um degradê com

sutis variações tonais em que predominam o azul e o violeta. O fluxo de pedestres e carruagens na ponte, além das chaminés de fábricas que emergem na margem do rio, refletem a industrialização e a agitada vida na metrópole.